

Amazon Business Research (ABR)

ISSN 2595-8909

n. 05, p. 122-134, ANO 2025

DOI: <https://doi.org/10.59666/abr.v0i05.4941>

A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA INOVAÇÃO: DO CONCEITO CLÁSSICO AO PARADIGMA DIGITAL

THE HISTORICAL EVOLUTION OF INNOVATION: FROM THE CLASSICAL CONCEPT TO THE DIGITAL PARADIGM

GABRIELE ROBERTO SIMONETTI¹; APOLO SIMÕES AMORIM²; MÁRCIA RIBEIRO MADURO³; FABIANA LUCENA OLIVEIRA⁴; RILLARY LOPES CUNHA⁵; ORLEM PINHEIRO DE LIMA⁶

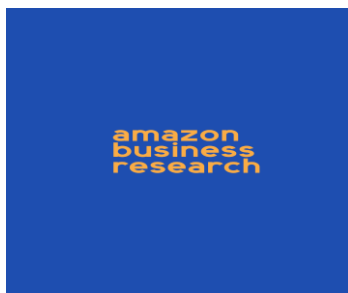
1 – UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS; 2 – UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS; 3 – UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS; 4 – UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS; 5 – UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS; 6 – UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

grs.gfp25@uea.edu.br; asa.adm23@uea.edu.br; rmaduro@uea.edu.br; flucena@uea.edu.br; rlc.adm22@uea.edu.br; olima@uea.edu.br;

Resumo – Este artigo analisa a evolução histórica do conceito de inovação, desde as formulações clássicas de Joseph Schumpeter até os paradigmas contemporâneos centrados em redes colaborativas, ecossistemas digitais e inovação aberta. Por meio de uma revisão bibliográfica sistemática, fundamentada em autores clássicos e contemporâneos, o estudo traça uma linha do tempo teórica que evidencia como o conceito de inovação se ampliou e se tornou cada vez mais multidimensional. A pesquisa também discute os desafios atuais relacionados à governança, mensuração, inclusão e capacitação contínua, propondo uma abordagem crítica e integrada que considera os fatores sociais, ambientais e tecnológicos. Os resultados indicam a necessidade de repensar a inovação à luz de novos contextos organizacionais e digitais, destacando seu papel estratégico na adaptação a cenários de constante transformação.

Palavras-chave: inovação; transformação digital; governança; capacidades dinâmicas; inovação aberta.

Abstract - This article analyzes the historical evolution of the concept of innovation, from Joseph Schumpeter's classic formulations to contemporary paradigms centered on collaborative networks, digital ecosystems, and open innovation. Through a systematic literature review, based on both classical and contemporary authors, the study traces a theoretical timeline that highlights how the concept of innovation has expanded and become increasingly multidimensional. The research also discusses current challenges related to governance, measurement, inclusion, and continuous training, proposing a critical and integrated approach that considers social, environmental, and technological factors. The results indicate the need to rethink innovation in light of new organizational and digital contexts, highlighting its strategic role in adapting to constantly changing scenarios.



Keywords: innovation; digital transformation; governance; dynamic capabilities; open innovation.

1. INTRODUÇÃO

A inovação sempre desempenhou papel central nos processos de transformação econômica, tecnológica e social. Desde os primeiros estudos de Joseph Schumpeter, que a definiu como o motor da “destruição criativa” no capitalismo, o conceito de inovação tem se expandido e se sofisticado, refletindo as mudanças nos modos de produção, nas estruturas organizacionais e nas exigências do mercado global. Ao longo do século XX e início do século XXI, a inovação deixou de ser tratada como um fenômeno isolado ou exclusivo das áreas de pesquisa e desenvolvimento, tornando-se um processo sistêmico, colaborativo e multidisciplinar.

As abordagens teóricas evoluíram de modelos lineares para sistemas nacionais de inovação (Freeman, 1988), passando por estruturas gerenciais integradas (Tidd & Bessant, 2018) até alcançar paradigmas como a inovação aberta (Chesbrough, 2003) e a mentalidade organizacional voltada à adaptabilidade (Magaldi & Neto, 2020). Nesse contexto, compreendê-la exige uma visão ampliada que incorpore aspectos como redes de colaboração, tecnologias emergentes, métricas intangíveis, sustentabilidade e inclusão social.

Diante desse cenário, o presente artigo tem como objetivo analisar a evolução histórica do conceito de inovação, identificando seus principais marcos teóricos e desafios contemporâneos. Para isso, realiza-se uma revisão bibliográfica sistemática, com foco na construção de uma linha do tempo analítica e na comparação crítica entre diferentes correntes. O estudo busca contribuir para o fortalecimento de um referencial teórico capaz de orientar gestores, formuladores de políticas públicas e pesquisadores na compreensão e aplicação da inovação em ambientes cada vez mais complexos e dinâmicos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A inovação é um fenômeno multidimensional que evoluiu significativamente desde meados do século XX, passando de uma simples implementação prática de ideias até assumir contornos complexos de sistemas socioeconômicos e ecossistemas colaborativos. De acordo com a norma ISO 56000:2020, ela pode ser definida como “uma entidade nova ou modificada



que cria ou redistribui valor”. Já em estudos acadêmicos, Baregheh et al. (2009) a descrevem como “um processo em múltiplas etapas pelo qual organizações transformam ideias em produtos, serviços ou processos novos/melhorados, a fim de avançar, competir e diferenciar-se com sucesso em seus mercados”. Esse foco na novidade, melhoria e difusão de ideias serve de base para compreendermos as diversas abordagens teóricas que se sucederam entre meados de 1900 até os dias de hoje.

Figura 1. Representação simplificada do que é Inovação



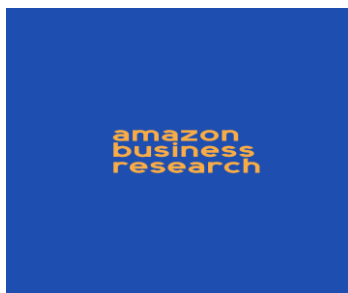
Fonte: Cubo Itaú, 2025.

2.1. Joseph Schumpeter (1900–1942): inovação como “destruição criativa”

Schumpeter introduziu o conceito de inovação como “novas combinações” que movimentam a economia capitalista, conferindo ao empreendedor papel central no processo de mudança econômica. Em *Capitalism, Socialism and Democracy* (1942), cunhou o termo “destruição criativa” para descrever como inovações substituem estruturas antigas, impulsionando ciclos econômicos. Essa visão enfatiza que o verdadeiro motor do capitalismo não é a administração do status quo, mas sim a criação e o rompimento constantes de padrões produtivos.

2.2. Christopher Freeman (1982–1995): o sistema nacional de inovação

No final dos anos 1980, Freeman formalizou a noção de *National Innovation System* (NIS), definindo-o como “a rede de instituições dos setores público e privado cujas atividades e interações iniciam, importam, modificam e difundem novas tecnologias”. Sua obra, baseada na tradição neoschumpeteriana, destacou que políticas eficazes de inovação requerem uma compreensão profunda das interações entre governos, universidades e empresas, superando a visão microeconômica restrita ao comportamento de firmas isoladas. Freeman também



ênfatiçou o papel de redes de aprendizagem e spillovers de conhecimento como determinantes do desempenho inovativo de nações.

2.3. Joe Tidd & John Bessant (2003–2024): abordagem integrada de gestão da inovação

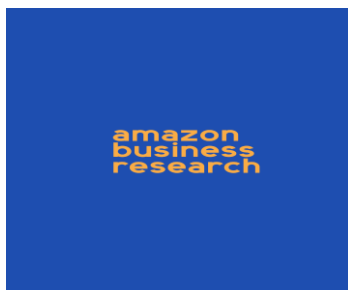
A partir de meados dos anos 2000, Tidd e Bessant consolidaram um modelo de cinco construtos para gestão da inovação — estratégia, organização, processo, aprendizagem e redes — oferecendo uma metodologia baseada em evidências e apoiada em estudos de caso para o desenvolvimento de capacidades inovativas nas organizações. Em suas sucessivas edições de *Managing Innovation* (2005–2024), eles defendem um enfoque holístico que integra mercados, tecnologia e estrutura organizacional, com ênfase em processos claros e ferramentas práticas para explorar oportunidades em ambientes de alta incerteza.

2.4. Henry Chesbrough (2003–2023): open innovation e ecossistemas distribuídos

Chesbrough revolucionou o campo ao propor, em 2003, o paradigma de *open innovation*, fundamentado na premissa de que as organizações devem combinar ideias externas e internas e permitir múltiplos fluxos de conhecimento para criar valor. Ele identifica três modos principais de compartilhamento de conhecimento — *outside-in*, *inside-out* e *coupled* — e enfatiza que modelos de negócio inovadores são tão críticos quanto produtos e processos para capturar valor das inovações. Na sua visão contemporânea (2023), os obstáculos mais significativos ao *open innovation* estão dentro das próprias organizações, não nas parcerias externas.

2.5. Sandro Magaldi (2014–2025): cultura, sistema e mentalidade de inovação

No contexto brasileiro, Sandro Magaldi contribui para a discussão ao enfatizar que “inovação não é só sobre tecnologia de ponta — é sobre pensar de forma criativa e estratégica para resolver problemas e atender às necessidades reais do cliente”. Em *Gestão do Amanhã* (2020), ele e José Salibi Neto apresentam a inovação como elemento central da 4ª Revolução Industrial, propondo que organizações devem adotar uma visão sistêmica, desenvolver cultura de inovação e processos disciplinares para se manterem competitivas em ambientes voláteis.



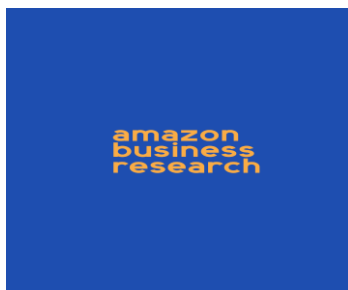
Quadro 1. Framework da evolução do foco do conceito de inovação

| FOCO | PRINCIPAL AUTOR(ES) | ENFOQUE CONCEITUAL | CONTRIBUIÇÃO-CHAVE |
|---|---|---|--|
| Inovação como ruptura | Joseph Schumpeter (1912, 1942) | Inovação como "novas combinações" de fatores | Criação de novos produtos, mercados e processos disruptivos; Destruição criativa como força do capitalismo |
| Inovação como processo sistêmico | Freeman & Lundvall (1988), Nelson (1993) | Inovação como parte de sistemas nacionais e institucionais | Papel de universidades, governos e empresas no desempenho inovador |
| Inovação como capacidade organizacional | Peter Drucker (1995), Tidd & Bessant (2008 apud 2015) | Inovação gerenciável e estruturada dentro das empresas | Integração de estratégia, cultura, processos e estrutura organizacional |
| Inovação aberta e colaborativa | Etzkowitz (2000); Chesbrough (2003) | Inovação com fluxos de conhecimento abertos | Cooperação externa, spin-offs, uso de P&D externo e modelos de negócio |
| Inovação como mentalidade e ecossistema adaptativo | Magaldi & Neto (2020), Chesbrough (2019), Tidd & Bessant (2020) | Inovação como cultura organizacional e resposta sistêmica às mudanças | Ênfase em agilidade, mentalidade de crescimento, transformação digital e impacto social/ambiental |

Fonte: Autoria própria (2025).

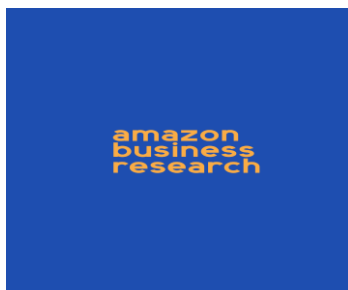
2.6. Complexidade da conceituação de “inovação”

Embora cada abordagem tenha ampliado nosso entendimento de inovação, surgem lacunas e desafios persistentes. A perspectiva schumpeteriana, por vezes, subestima os determinantes institucionais e sociais que Freeman posteriormente ressaltou. Já os modelos sistêmicos podem gerar complexidade excessiva, dificultando a operacionalização prática nos níveis tático e operacional. As metodologias de Tidd & Bessant oferecem frameworks robustos, mas requerem elevada maturidade organizacional para implementação efetiva. O *open innovation* de Chesbrough, apesar de ampliar horizontes, enfrenta barreiras culturais internas que ainda demandam reflexão sobre governança e absorção de conhecimento externo. Por fim, Magaldi reforça a importância da mentalidade e cultura, mas carece de métricas padronizadas para avaliar o impacto de iniciativas de inovação cultural.



Para o futuro, faz-se necessário um esforço integrador que combine:

- **Governança de inovação: modelos flexíveis que equilibrem autonomia e controle:** Modelos de governança da inovação devem ser suficientemente flexíveis para permitir autonomia aos agentes inovadores, ao mesmo tempo em que mantêm mecanismos de coordenação e controle. Granstrand (2011) argumenta que a inovação em ecossistemas demanda formas híbridas de governança que combinem direitos de propriedade intelectual com flexibilidade organizacional;
Além disso, Lewis (2011) destaca que estruturas em rede promovem um equilíbrio entre controle hierárquico e autonomia local, essencial para inovação em contextos públicos e privados;
- **Métricas ampliadas: indicadores que capturem não apenas outputs (patentes, lançamentos), mas também processos intangíveis (aprendizagem, redes colaborativas):** A mensuração da inovação deve ir além de indicadores tradicionais como número de patentes ou produtos lançados. Teece, Pisano e Shuen (1997) propõem que a análise de capacidades dinâmicas — como a aprendizagem, a integração de conhecimento e a adaptação — são essenciais para compreender o real desempenho inovador;
De forma complementar, Orlikowski (2002) defende que a inovação deve ser analisada como prática social, considerando como o conhecimento é produzido e compartilhado dentro das organizações.
- **Inclusão e sustentabilidade: ampliar o escopo para inovações sociais e ambientais, indo além da ênfase econômica tradicional:** A inovação não pode mais se restringir a objetivos econômicos. Howaldt e Schwarz (2010) defendem que as inovações sociais têm um papel crucial ao promover soluções colaborativas para desafios sociais e ambientais. No contexto brasileiro, Silveira, Kikuchi e Policeno (2013) analisam como empresas vêm desenvolvendo competências para sustentabilidade, incorporando a ecoinovação como parte estratégica;



“A sustentabilidade organizacional demanda competências específicas que promovam a aprendizagem ambiental e a inovação voltada para adequação ecológica” (Silveira et al., 2013).

- **Capacitação contínua: desenvolvimento de capacidades dinâmicas que permitam adaptação rápida a rupturas tecnológicas e de mercado:** Em ambientes de mudança acelerada, as organizações precisam desenvolver capacidades dinâmicas, entendidas como a habilidade de aprender, adaptar-se e reconfigurar seus recursos estrategicamente.

Além disso, estudos como o de Froehlich e Bitencourt (2017) mostram que, no contexto brasileiro, a inovação contínua está fortemente relacionada a microfundamentos como colaboração com stakeholders, sensibilidade ao ambiente e governança estratégica:

Capacidades dinâmicas são suportadas por processos de sensing, seizing e transforming, que se manifestam em práticas colaborativas com fornecedores e clientes (Froehlich & Bitencourt, 2017).

Assim, a jornada do conceito de inovação, de Schumpeter a Magaldi, revela uma crescente complexidade e a necessidade de abordagens críticas e multidisciplinares para responder aos desafios de um mundo em constante transformação.

3. METODOLOGIA

Adotou-se uma revisão bibliográfica sistemática, com o objetivo de mapear, compreender e analisar criticamente a evolução conceitual e prática da inovação ao longo do tempo. A pesquisa seguiu os princípios metodológicos propostos por Tranfield, Denyer e Smart (2003), que destacam a importância de uma abordagem estruturada e transparente para garantir a confiabilidade e a reprodutibilidade dos resultados em estudos de gestão e ciências sociais aplicadas.

A coleta de dados foi conduzida com base em livros, artigos científicos e relatórios técnicos disponíveis em bases de dados reconhecidas internacionalmente, como Scopus, Web of Science e Google Scholar, abrangendo o período de 1900 a 2025. Essa amplitude temporal permitiu compreender tanto a formação das bases teóricas clássicas quanto as tendências contemporâneas e emergentes sobre o tema.

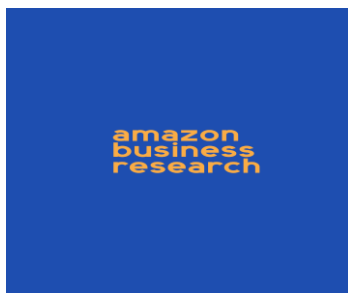


A seleção das fontes contemplou autores de relevância histórica e teórica, como Schumpeter (1934, 1942) e Freeman (1982), que delinearão as origens do pensamento econômico e sistêmico sobre inovação, bem como autores contemporâneos, como Tidd e Bessant (2015), Chesbrough (2003) e Magaldi e Salibi Neto (2020), cujos trabalhos exploram a inovação aberta, colaborativa e digital. Essa combinação de referências clássicas e modernas favoreceu uma abordagem abrangente, crítica e atualizada sobre o fenômeno da inovação.

A análise bibliográfica foi estruturada em três etapas principais, conforme orientações de Gil (2019) e Lakatos e Marconi (2017):

1. Levantamento histórico e conceitual – Identificação, classificação e sistematização dos principais marcos teóricos da literatura sobre inovação, com foco nas transformações nos modelos de gestão e governança ao longo do tempo. Essa etapa permitiu identificar a evolução das definições e dos paradigmas de inovação, desde o enfoque econômico schumpeteriano até abordagens sociotécnicas e sustentáveis.
2. Construção de linha do tempo teórica – Elaboração de uma cronologia analítica destacando a evolução dos conceitos, paradigmas e abordagens, evidenciando as transições entre os modelos fechado, aberto, colaborativo, social e sustentável de inovação (Chesbrough, 2003; Tidd; Bessant, 2015; Magaldi; Salibi Neto, 2020).
3. Análise crítica e comparativa – Confronto entre diferentes correntes teóricas e práticas de inovação, evidenciando suas contribuições, limitações e implicações para a formulação de estratégias contemporâneas em ambientes organizacionais dinâmicos (OCDE, 2018; Davila; Epstein; Shelton, 2012).

Adicionalmente, a pesquisa foi estruturada para mapear o estágio atual dos estudos sobre inovação e identificar as principais tendências e lacunas teóricas existentes na literatura. Esse processo possibilitou a construção de um referencial teórico consolidado, que serviu como base para a análise de dados e para as etapas subsequentes da pesquisa, em conformidade com as orientações metodológicas de Prodanov e Freitas (2013) e Sampaio e Mancini (2007) sobre revisões sistemáticas em ciências aplicadas.



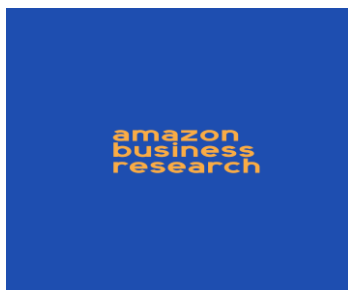
4. RESULTADOS

A trajetória histórica do conceito de inovação revela uma profunda transformação em seus fundamentos teóricos e aplicações práticas. A partir da abordagem clássica de Schumpeter (1942), centrada na “destruição criativa” e no papel do empreendedor, observa-se uma ampliação progressiva do conceito em direção a sistemas complexos de inovação. A contribuição de Freeman (1988), com o modelo dos Sistemas Nacionais de Inovação (SNI), introduziu uma visão sistêmica que reconhece a interdependência entre governo, empresas e instituições de ensino.

Na contemporaneidade, autores como Tidd e Bessant (2018) estruturam a inovação como uma competência organizacional multifacetada, com foco em estratégia, cultura, processos e redes colaborativas. Chesbrough (2003; 2019) agrega à discussão o paradigma da inovação aberta, que rompe com o modelo linear de inovação e propõe fluxos bidirecionais de conhecimento, fundamentais para ambientes dinâmicos e digitalizados. Já Magaldi e Salibi Neto (2020) enfatizam a necessidade de uma mentalidade inovadora, integrada à cultura organizacional e orientada para a adaptação contínua.

A análise crítica mostra que, à medida que o conceito evolui, também se ampliam os desafios de sua mensuração e gestão. A literatura contemporânea propõe novas métricas de desempenho inovador, que ultrapassam outputs tangíveis como patentes e lançamentos, incorporando elementos intangíveis como aprendizagem organizacional (Teece et al., 1997) e redes colaborativas (Orlikowski, 2002). Além disso, a inovação social e ambiental emerge como resposta às pressões por sustentabilidade e inclusão, conforme destacado por Howaldt e Schwarz (2010) e Silveira et al. (2013).

Com a ascensão do paradigma digital, a inovação passa a ser moldada por tecnologias emergentes, plataformas digitais e modelos de negócio baseados em dados. Isso impõe novos desafios à governança, exigindo estruturas mais flexíveis e integradas (Granstrand, 2011; Lewis, 2011), e demanda o desenvolvimento de capacidades dinâmicas que permitam adaptação frente às rupturas tecnológicas e de mercado (Teece, 2007; Froehlich & Bitencourt, 2017).



Dessa forma, os resultados evidenciam a necessidade de uma abordagem holística e crítica, que reconheça a evolução conceitual da inovação, mas que também se concentre nas suas aplicações práticas, considerando variáveis como contexto institucional, maturidade organizacional, cultura, e impactos sociais e ambientais.

5. CONCLUSÃO

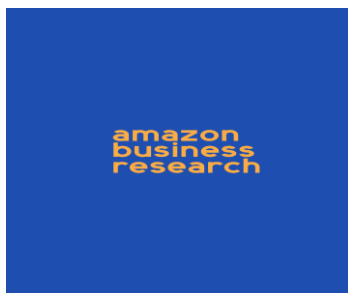
A análise histórica e conceitual da inovação apresentada neste estudo evidencia que o termo percorreu um longo caminho — da visão clássica de ruptura tecnológica proposta por Schumpeter à complexidade dos ecossistemas digitais e colaborativos contemporâneos. A inovação deixou de ser um fenômeno exclusivamente interno às organizações, passando a integrar redes, instituições e ambientes digitais dinâmicos.

Nesse percurso, observa-se um alargamento semântico e funcional do conceito de inovação, incorporando dimensões sociais, ambientais, culturais e digitais, que desafiam modelos gerenciais tradicionais e impõem a necessidade de novas estruturas de governança, métricas mais amplas e uma cultura organizacional voltada à adaptabilidade.

A pesquisa revelou que compreender essa trajetória não é apenas uma tarefa histórica ou conceitual, mas uma condição estratégica para gestores, formuladores de políticas e pesquisadores que buscam alinhar práticas inovadoras aos desafios da Indústria 4.0, da transformação digital e da sustentabilidade. Iniciativas de inovação que ignoram essa complexidade tendem a fracassar diante de ambientes cada vez mais voláteis, incertos e interconectados.

Além disso, o referencial construído demonstra que a inovação eficaz requer uma mentalidade sistêmica e colaborativa, com ênfase em aprendizagem contínua, desenvolvimento de capacidades dinâmicas e articulação entre múltiplos atores — públicos, privados e acadêmicos.

Portanto, conclui-se que a inovação contemporânea é um fenômeno multidimensional, que deve ser gerido com ferramentas analíticas interdisciplinares e sensibilidade às transformações sociais e tecnológicas em curso. Recomenda-se, para futuras pesquisas, a aplicação empírica das categorias teóricas aqui discutidas em contextos organizacionais



Amazon Business Research (ABR)

ISSN 2595-8909

n. 05, p. 122-134, ANO 2025

DOI: <https://doi.org/10.59666/abr.v0i05.4941>

específicos, de forma a aprofundar a compreensão sobre os fatores críticos de sucesso da inovação no século XXI.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BESSANT, John; TIDD, Joe. **Innovation and entrepreneurship**. 3. ed. Hoboken: Wiley, 2020.

BAREGHEH, Anahita; ROWLEY, Jennifer; SAMBROOK, Sally. **Towards a multidisciplinary definition of innovation**. *Management Decision*, v. 47, n. 8, p. 1323–1339, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1108/00251740910984578>.

CHESBROUGH, H. **Open Innovation: The New Imperative for Creating and Profiting from Technology**. Boston: Harvard Business School Press, 2003.

CHESBROUGH, Henry William. **Open innovation results: going beyond the hype and getting down to business**. Oxford: Oxford University Press, 2019.

DAVILA, T.; EPSTEIN, M. J.; SHELTON, R. **Making Innovation Work: How to Manage It, Measure It, and Profit from It**. Upper Saddle River: Pearson Education, 2012.

DRUCKER, P. F. **Innovation and Entrepreneurship: Practice and Principles**. New York: Harper Collins Publishers Inc, 1995.

ETZKOWITZ, H. **The Triple Helix: University–Industry–Government Innovation in Action**, 2000.

FREEMAN, Christopher; LUNDVALL, Bengt-Åke. **Small countries facing the technological revolution**. London: Pinter, 1988.

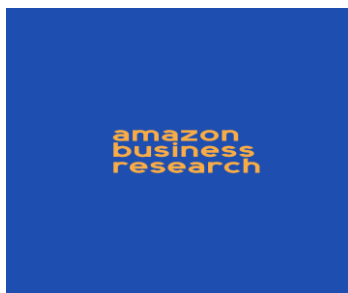
FREEMAN, C. **The Economics of Industrial Innovation**. 2. ed. London: Frances Pinter, 1982.

FROEHLICH, Claudio; BITENCOURT, Claudio C. **Capacidades dinâmicas e a inovação contínua: um estudo de múltiplos casos no setor automotivo**. *Revista de Administração da USP (RAUSP)*, São Paulo, v. 52, n. 4, p. 397–410, 2017. DOI: 10.1016/j.rausp.2017.08.001.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GRANSTRAND, Ove. **Towards a Theory of Innovation Governance: A Set of Rationale, Propositions, and Practical Applications**. *Innovation and Industry*, v. 1, n. 1, 2011.

HOWALDT, Jürgen; SCHWARZ, Michael. **Social Innovation: Concepts, research fields and international trends**. Dortmund: Sozialforschungsstelle Dortmund, 2010. Disponível em: <https://www.socialinnovationatlas.net>. Acesso em: 24 jul. 2025.



Amazon Business Research (ABR)

ISSN 2595-8909

n. 05, p. 122-134, ANO 2025

DOI: <https://doi.org/10.59666/abr.v0i05.4941>

Inovação: o que é, conceitos e importância para o futuro. Disponível em: <https://blog.cubo.network/inovacao-o-que-e>.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION. **ISO 56000:2020 – Innovation management – Fundamentals and vocabulary.** Geneva: ISO, 2020.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica.** 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017

LEWIS, Jenny M. **The future of network governance research: Strength in diversity and synthesis.** Public Administration, v. 89, n. 4, p. 1221–1234, 2011. DOI: 10.1111/j.1467-9299.2011.01979.x.

MAGALDI, S.; SALIBI, R. **Gestão do Amanhã: Tudo o que você precisa saber sobre gestão, inovação e liderança para vencer na 4ª revolução industrial.** São Paulo: Gente, 2020.

NELSON, Richard R. (Ed.). **National innovation systems: a comparative analysis.** Oxford: Oxford University Press, 1993
SCHUMPETER, J. A. **Capitalismo, Socialismo e Democracia** (1942).

ORLIKOWSKI, Wanda J. **Knowing in practice: Enacting a collective capability in distributed organizing.** Organization Science, v. 13, n. 3, p. 249–273, 2002. DOI: 10.1287/orsc.13.3.249.2776.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

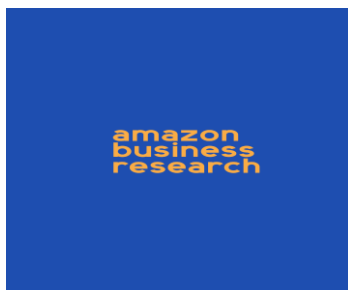
SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. **Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica.** Revista Brasileira de Fisioterapia, v. 11, n. 1, p. 83–89, 2007.

SCHUMPETER, J. A. **The Theory of Economic Development**, 1912.

SCHUMPETER, J. A. **The Theory of Economic Development.** Cambridge: Harvard University Press, 1934.

SCHUMPETER, J. A. **Capitalism, Socialism and Democracy.** New York: Harper & Brothers, 1942.

SILVEIRA, Danilo C. da; KIKUCHI, Luís T.; POLICENO, Carlos. **Inovação e aprendizagem organizacional para a sustentabilidade: desenvolvimento de competências.** Cadernos EBAPE.BR, Rio de Janeiro, v. 11, n. esp., p. 365–383, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/pj5zyj5bZV3C85shcxhZSrg/>. Acesso em: 24 set. 2025.



Amazon Business Research (ABR)

ISSN 2595-8909

n. 05, p. 122-134, ANO 2025

DOI: <https://doi.org/10.59666/abr.v0i05.4941>

TEECE, David J.; PISANO, Gary; SHUEN, Amy. **Dynamic Capabilities and Strategic Management**. Strategic Management Journal, v. 18, n. 7, p. 509–533, 1997.

TEECE, David J. **Explicating dynamic capabilities: the nature and microfoundations of (sustainable) enterprise performance**. Strategic Management Journal, v. 28, n. 13, p. 1319–1350, 2007. DOI: 10.1002/smj.640.

TIDD, J.; BESSANT, J.; PAVITT, K. **Gestão da Inovação**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2008.

TIDD, J.; BESSANT, J. **Gestão da Inovação**. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2018

TIDD, J.; BESSANT, J. **Gestão da Inovação**. 5a ed.. Porto Alegre: Bookman, 2015.

TRANFIELD, D.; DENYER, D.; SMART, P. **Towards a Methodology for Developing Evidence-Informed Management Knowledge by Means of Systematic Review**. British Journal of Management, v. 14, n. 3, p. 207–222, 2003.

7. COPYRIGHT

Direitos autorais: O(s) autor(es) é(são) o(s) único(s) responsável(is) pelo material incluído no artigo.